

Cinema

Nem herói, nem bandido

Há 35 anos, *O poderoso chefão* ganhava o Oscar de melhor filme, transformando a Máfia em fenômeno cultural

Por André Tadao Kameda

Imagens: Divulgação Paramount Home Entertainment

"Qualquer destino, por mais longo e complicado que seja, consta na realidade de um só momento: o momento em que o homem sabe para sempre quem é." A citação, de autoria do argentino Jorge Luis Borges, e tirada do conto "Biografia de Tadeo Isidoro Cruz" (1829-1874), constante no livro *O Aleph*, cabe perfeitamente em uma das passagens do filme *O poderoso chefão*. Nela, Michael, o caçula dos Corleone, tem em suas mãos não só o seu destino, como o de toda a sua família.

A cena já se tornou clássica. Michael está reunido em um restaurante com um traficante de heroína e um corrupto capitão da polícia. A pretexto de negociar a droga com o traficante Sollozzo, Michael deseja, na verdade, vingar o atentado praticado contra seu pai, o chefe Don Vito Corleone. Para isso, membros da família escondem no banheiro do restaurante uma arma com a qual ele irá matar os dois. Quando volta do banheiro, já com a arma, Michael hesita em atirar. Afinal, ele é um ex-herói de guerra e o único da família que não mexe com os negócios da Máfia. É um dos momentos mais tensos do filme, tornado ainda mais dramático pela atuação precisa de Al Pacino. Michael então atira contra os dois, abandona o restaurante e entra de vez para o mundo criminoso.

É por essa e outras cenas que *O poderoso chefão*, de Francis Ford Coppola, ganhou o Oscar de melhor

filme 35 anos atrás, além de ter faturado as estatuetas de ator principal e roteiro adaptado (*veja box*). Não por acaso, a película também costuma figurar entre os dez melhores filmes da história do cinema, em listas de revistas especializadas. Além disso, a produção é considerada a obra maior de um gênero que começou a se firmar na década de 30, o filme de gangster.

De acordo com Fernando Vugman, professor de cinema na Universidade do Sul (Unisul), de Santa Catarina, a invenção do filme sonoro é uma das razões para o sucesso do gênero. "Esses filmes usam e abusam do som das metralhadoras, revólveres, roncões de motor e guinchos de pneus. Tudo isso certamente era muito emocionante para o público da época", analisa o professor, cuja tese de doutorado versa sobre o gangster no cinema e na literatura.

Em *O poderoso chefão*, podemos observar a maestria da aplicação desses efeitos sonoros. Em uma das cenas do filme, Sonny, um dos irmãos de Michael, sai de casa para vingar o espancamento que a irmã sofreu do marido, mas não sabe que está em um artilho do cunhado para matá-lo. Sonny pára então em um pedágio abandonado e, ao sair do carro, é metralhado por dezenas de mafiosos. Em outra seqüência, talvez a mais violenta da película, os capangas da família Corleone saem matando os membros de outras famílias da Máfia, enquanto Michael participa do batismo do sobrinho em uma igreja. Nos dois casos, as passagens espantam não só pelo impacto visual, mas principalmente pelos estrondos.

Outras razões apontadas por Vugman para o sucesso do gênero foram a transformação dos Estados Unidos em um país industrializado e a ambigüidade moral do gangster, que não se encaixa confortavelmente nem na figura do herói, nem na do bandido. Essa contradição é irradiada para um contexto mais amplo em *Godfather*. "Ao empregar o termo família tanto para as relações de parentesco quanto para a organização criminosa, ao embaralhar o impessoal mundo dos negócios com os dramas familiares, Coppola combina uma ácida crítica à sociedade estadunidense com uma narrativa épica e sedutora", analisa.

Nesse ponto, Vugman concorda com o crítico de cultura Fredric Jameson. Segundo o estudioso estadunidense, o sucesso do filme pode demonstrar um anseio do espectador médio dos Estados

Unidos, já inserido em uma lógica individualista, de retornar a uma coletividade perdida. "No caso do filme de Coppola, os Corleone insistem em preservar valores como os laços de família, a honra, a lealdade, mas ocorre um conflito pela mistura intencional desses valores com sua motivação violenta e criminosa", avalia o professor.

Fenômeno cultural x organização criminosa

Os peculiares códigos mafiosos, em cujo cerne reside esse paradoxo, atraiu a atenção de cineastas e escritores. Por isso, a Máfia é mais lembrada por ser tema de livros e filmes do que como organização criminosa. O best-seller de Mario Puzo, *O chefe* - que deu origem ao roteiro de *O poderoso chefão* - e a própria trilogia de *Godfather* são exemplos de como a Máfia se tornou um fenômeno cultural.

"Não é apenas a violência o elemento desencadeante do sucesso do gênero, mas principalmente os comportamentos sociais tidos, em geral, pelos personagens", diz Massimo Sciarretta, doutor em História Contemporânea pela Universidade Federico II de Nápoles e professor do Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro.

Segundo o professor, a Máfia estadunidense, difundida com o nome de *Cosa Nostra*, teve suas raízes na ilha da Sicília, ao sul da Itália. "O fato de ser uma ilha favoreceu a presença marcante da Máfia em detrimento do Estado. Às vezes os sicilianos chamam, brincando, o resto da Itália de continente, pontuando uma distância não apenas geográfica como também cultural."

Porém, depois que foi transplantada para os Estados Unidos, a Máfia começou a ganhar vida própria. As ligações com a ilha se enfraqueceram e os mafiosos passaram a se referir à Sicília como um lugar mítico. No filme, Michael vai passar uma temporada na ilha depois de ter matado Sollozzo e o policial, e lá toma contato com os costumes e tradições da Sicília. Nesse período de relativa tranquilidade, chega a se casar com uma nativa, mas tem de voltar aos EUA depois que a esposa morre num atentado cujo alvo era ele próprio.

Nos Estados Unidos, os mafiosos envolveram-se em todo tipo de atividade clandestina, como a venda de bebidas alcoólicas durante a Lei Seca e o controle de apostas em jogos de azar. Posteriormente, o crescente ganho de poder fez com que eles se envolvessem em sindicatos, o que lhes permitiu controlar não só os trabalhadores, mas também todo um setor de atividade, como ocorreu com a construção civil. Mais tarde, o tráfico de drogas também se tornou uma de suas atividades ilegais. Esse período pode ser visto no filme quando o traficante Sollozzo começa a expandir os seus negócios entre as famílias mafiosas.

A partir da década de 1970, porém, uma ofensiva dos governos, principalmente dos Estados Unidos e da Itália, acabou com grande parte dos negócios mafiosos. Atualmente, a Máfia - pelo menos a *Cosa Nostra*, já que o termo se difundiu entre outras organizações criminosas - parece mesmo estar mais no imaginário das pessoas do que nas páginas policiais.



Apesar de viver no mundo do crime, a família Corleone preserva seus valores

Mas Sciarretta lembra que a *pax* mafiosa também é ruim e períodos tranquilos são perigosos. A esse respeito, ele conta um episódio exemplar que ocorreu com o chefe Tommaso Buscetta. Ele estava sendo interrogado numa caserna militar pelo lendário juiz Giovanni Falcone, que dedicou sua vida ao combate à Máfia. Não suportando o calor, o juiz mandou que abrissem as janelas, mas o barulho vindo do andar inferior da caserna estava atrapalhando os trabalhos. Falcone pediu que abajassem o som; não sendo atendido, levantou-se para reclamar. Tommaso, então, apaziguou as intenções de Falcone e fechou a janela para que o depoimento continuasse. "O mafioso sempre evita o choque", conclui o professor.

Bastidores do Oscar

Prêmio recusado - Marlon Brando foi o ganhador da estatua de melhor ator, mas recusou o prêmio com um protesto: enviou em seu lugar a índia Sacheen Littlefeather, que leu uma carta redigida pelo ator. Nela, Brando questionava a não-inclusão de índios em papéis no cinema e na tevê. A organização da festa, sabendo do protesto, limitou a participação de Littlefeather a 45 segundos. Depois, a índia apresentou o texto na íntegra à imprensa.

Roteiro adaptado - No fim dos anos 1960, o escritor Mario Puzo havia sido contratado pela Paramount Pictures para escrever um roteiro. Ele decidiu, então, narrar a história de uma família mafiosa, mas a Paramount achou que aquilo não seria boa idéia no momento. O escritor resolveu lançar o livro, que logo se tornou best-seller e reavivou o interesse da Paramount em filmar a história. Puzo ainda ajudou Francis Ford Coppola a adaptá-la para o cinema. Outra curiosidade a esse respeito é uma carta de Puzo enviada a Marlon Brando, na qual está escrito: "Eu acho que você é o único ator capaz de interpretar o Godfather."

Don Vito Corleone, o patriarca da Máfia, vivido por Marlon Brando

